

A cidade tem história porque tem memória

Introdução

“Innombrables sont les récits du monde”

Barthes

Inumeráveis são as narrativas do mundo, inumeráveis suas interpretações e suas representações porque não cansamos de contar, de ver e de ouvir. Afinal estamos vivos e nos integramos de diferenciados modos com nossos saberes múltiplos a outras pessoas, ambientes e culturas. Tudo está de certa maneira conectado e a vida se faz assim de maneira orgânica e objetiva. Mas o subjetivo, o imaterial, o intangível vêm se aportar nas paredes de uma residência, nas vozes de quem passa uma benção, uma reza, uma prosa ou uma poesia. Nas *poiesis* a *prosaística* acontece estendendo suas dimensões de maneira dialógica.

Neste sentido como podemos decretar a falência ou a morte de determinada cidade ou comunidade? Por que conferimos adjetivos a este sujeito tornando-os substantivos compostos: Cidades Mortas; Cidades Invisíveis; Cidades Fabricadas; Cidades Digitais; Cidades Criativas... E por aí se vai denominando, chamando a atenção para determinados aspectos da cidade e esquecendo o mais importante: Toda Cidade é um complexo de pessoas e ações circunscritas, mas também permeadas por pessoas e ações de outras localizações. Assim, os adjetivos substantivados transformam-se numa série de possibilidades indo do teórico ao prático e do prático ao teórico em um encontro valorativo e percebemos que o diálogo entre o território e a cultura se estabelece no tempo e nele reside a memória.

E chegamos ao cerne da nossa questão, seja ela:

- De que maneira as memórias¹ legitimam espaços? Ou, de que maneira o ser cura o local, reinventando o seu lugar?

¹ “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. [...]” (BOSI, 1994, p. 39) Por se tratar de um conceito amplo e investigado por inúmeras ciências, procuraremos tratar o conceito de *memória* sob o ponto de vista social e cultural observando a literatura de autores que se dedicaram a esse tema.

Procuramos com as memórias de Piracaia² fazer delas os fios que tecem esta cidade do interior paulista, por meio de recursos audiovisuais e das mídias digitais e assim entender a construção do sujeito, enquanto *Ser* e do seu entorno social na medida em que as memórias revelam conhecimentos geralmente não retratados pela história oficial. Esses conhecimentos nutrem o sentimento de pertencimento ao lugar justificando ações e validando-as em níveis que vão do local ao global, do individual ao colaborativo, do cotidiano ao extraordinário.

As narrativas que se beneficiam do audiovisual estendem seus campos da *performance* corporal e, mais particularmente da voz a âmbitos outrora inimagináveis, indo, por exemplo, de uma “simples” postagem em *blogs* ao desenvolvimento de redes sociais colaborativas, estas constituintes das mudanças substanciais de comportamento e de interações ambientais. O emprego dessas mídias em diferentes meios de comunicação ganha força à medida que é aplicada em uma comunidade interessada em seu desenvolvimento e em desvelar sua vocação em diferentes contextos.

As maneiras como os espaços se desenvolvem sob as intervenções de processos fundamentais pertencem ao povo que ali habita. Cada lugar é pensado, julgado e sentido segundo as dimensões dadas por pessoas que estão ou estavam nesse lugar de modo que este recebe um sentimento de centralidade. As narrativas surgem aqui como forma de alimentar esse “sentimento” de centralidade e de pertencimento e ao mesmo tempo revelar conteúdos sobre a história local em consonância a universal.

Ao entender a história, propõe-se outra cotidiana cuja análise e compreensão se fazem indispensáveis ao entendimento do que as coisas e os homens são. Essas narrativas reestruturadas em mundos virtuais possibilitam identificar como os meios digitais proporcionam uma construção colaborativa da memória em espaços que podem ser híbridos, de passagem ou de vivências significativas, em espaços permeados por códigos. Para tanto estamos estendendo a pesquisa em mídias digitais com o intuito de obter um maior protagonização dos inter-atores desta Cidade.

² Piracaia esta situada a 85 quilômetros da capital paulista e conta com uma população estimada em 22.335 habitantes em uma área de 385 km², segundo dados do IBGE. Faz divisa com Atibaia, Joanópolis, Bom Jesus dos Perdões, Nazaré Paulista e Bragança Paulista.

A ausência de registros de memória de uma cidade e também de instituições que cuidem desses, quando esses existem, está diretamente relacionada ao seu desenvolvimento, a sua valoração e, portanto ao sentimento de pertencimento. Pesquisar, apontar, e disseminar a memória individual e coletiva de acontecimentos guardados no *tempo longo*³ – menos nos textos que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos rituais e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada em redes sociais, em encontros de grupos, em propostas e atuações gerando demanda a favor dos bens tidos como públicos.

Piracaia possui narrativa própria e seu lugar está na memória de suas famílias sendo transmitida em quase sua totalidade pela oralidade. Quando há registros, estes são particulares, cabendo à família salva guardá-los. Há um pequeno acervo com jornais de época, encontrados pelo “Seu Dito” (atual responsável pela Biblioteca Pública), em uma torre da cidade. Foi lá que alguma Administração Pública, não se sabe qual, resolveu “guardar” a memória escrita da cidade. Seu Dito selecionou os jornais que achava serem importantes e do interesse da cidade. Havia também as fotografias de Tetê Brandão⁴, hoje acervo permanente da UNICAMP⁵. Os quadros de Tazula, artista plástico da cidade podem ser apreciados quando estamos nos espaços da Prefeitura Municipal, da Câmara dos Vereadores e no Fórum. Quanto aos espaços, ou como diria os geógrafos, equipamentos destinados à cultura são apenas dois: Centro Cultural Walter Puccinelli e a Biblioteca Pública, cujo acervo não está em prédio próprio.

A ausência de equipamentos culturais e de políticas que viabilizem ações culturais é percebida como uma insuficiência do desenvolvimento da cidadania plena. A desarticulação, ao contrário da articulação, é bem mais fácil de ocorrer, daí a fragilidade dos grupos, a fragmentação, a descontinuidade e a ruptura das ações favorecendo a

³ Paul Ricoeur observa com Sto Agostinho: "Foi-te concedido perceberes as lentidões (*moras*) do tempo e medi-las. Que me responderás?" [...] "o tempo presente clama que não pode ser longo" (RICOEUR, 2010, v.1, p. 18)

⁴ <https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.513529325329595&type=1>

⁵ **Bill Lacerda** Que legal [Sônia Novaes](#) esse acervo é uma das preciosidades de Piracaia fico feliz que esteja sobre cuidado especializado, muito legal! valeu!



proliferação de vozes sem sujeitos ou sem ouvintes. Este sintoma reflete a globalização e a pós-modernidade, cujos sujeitos, em sua maioria, são desconhecidos – mesmo em cidades pequenas como Piracaia. Compromete-se, então, o circuito de valores culturais ao deslocar sentidos de relacionamentos em cenários que não mais correspondem. Essa tendência se tonifica ao se somar às mídias e às tecnologias de comunicação e de informação imbricadas tanto no funcionamento quanto na gestão da sociedade em geral.

[...] quando a comunidade íntima visível deixa de ser um grupo vigilante, identificável, profundamente interessado, o “Nós” passa a ser um ruidoso enxame de “Eus” e os laços de fidelidades secundárias se tornam por demais frouxos para deter a desintegração de comunidade urbana. [...] (MUMFORD, 1998, p.22)

Mumford descreve como começou a cidade a partir de aldeias que vigiavam seus entornos. Vigiar é estar atento e pronto a qualquer chamado. Hoje isto não é simples, por menor que seja a ação. Estar pronto, vigiar e agir em territórios que se propagam no mundo digital e real significa compreender uma gama de ações muito além de qualquer competência, mas o ser humano não desanima e busca articulações em grupos afins.

Para analisarmos o lugar da cultura em Piracaia: selecionamos um grupo do Facebook e o Conselho Municipal de Cultura, por se tratar de um grupo legitimamente instituído e; procuramos por meio de narrativas, traçar um perfil da cultura material e imaterial deste Município, uma vez que, em Piracaia, como qualquer outra cidade, a cultura tem suas variáveis que podem ser agrupadas para melhor entendimento em: Cultura Material e Cultura Imaterial

A narrativa da Cultura – narrativa dos grupos

“Ora, predizer é prever, e narrar é ‘discernir pelo espírito’ cernere”.

Paul Ricoeur

Esta pesquisa encontra campo relativamente fértil, porquanto coincidi com momentos de manifestações e ações em busca do desenvolvimento cultural em Piracaia,

manifestações que de certa maneira vão ao encontro de outras questões, porém se aproximando mais das questões ambientais. Assim grupos afins foram se articulando e demandando da Administração Pública suas reivindicações, esta, por sua vez, permite uma abertura, sem a qual a política pública não se constitui. Ressaltamos a importância que a memória exerce desde projetos nascentes como para aqueles que estão em execução e ainda para aqueles ameaçados, esta importância se caracteriza na verdadeira identidade coletiva e comunitária, identidade esta que nos chega por meio dos diálogos, por meio das narrativas.

A memória está, tanto para aquele que transmite como para aquele que a apreende, representada e expressada em diferentes manifestações caracterizadas em linguagens, assim o ato mnemônico fundamental é o ato de *narrar* e com este a sociabilidade e a comunicação de algo cujo objeto está ausente. O registro destas manifestações em suportes garante o para além do corpo físico, mas só o registro não significa necessariamente seu acesso, ou divulgação.

Piracaia tem histórias

Este grupo é essencialmente virtual, está apenas no Facebook⁶, mas com uma penetração forte na memória piracaense. Faz elo com o Conselho Municipal de Cultura quanto no que diz respeito aos aspectos patrimoniais.

Seus moderadores apesar de serem de famílias tradicionais de Piracaia, residem na cidade vizinha Bragança Paulista. Tudo começou com a postagem de fotos e permanece desta maneira. Este grupo chama a atenção porque o que os prende ali naquele perfil é exatamente o sentimento de pertencimento a um espaço e tempo que não volta e, no entanto, está presente, um passado atualizado nos depoimentos e nos comentários sobre as fotografias postadas.

A fotografia é um a mídia, o meio que expressa, neste caso, um tempo que compreende a história, a cultura, a economia e os modos de ser de épocas. Portanto, um

⁶ <https://www.facebook.com/groups/486843984664796/>

símbolo que, como todo símbolo, articula processos culturais das experiências humanas. O símbolo tem um caráter *público* o que confere à cultura sua dimensão pública, porquanto ela é significação. Ricoeur ao falar da *mimesis* na narrativa, nos remete ao estudo sobre a mediação simbólica de Geertz, segundo o qual:

[...] o termo símbolo – ou melhor, a mediação simbólica – assinala o caráter estruturado de um conjunto simbólico. Clifford Geertz fala nesse sentido de um ‘sistema de símbolos em interação’, de modelos de significações sinérgicas’. Antes de ser texto, a mediação simbólica tem textura. Compreender um rito é situá-lo num ritual, este num culto e, gradativamente, no conjunto das convenções, das crenças e das instituições que formam a rede simbólica da cultura. (RICOEUR, 2010, v.1, p. 102)

Cabe-nos aqui trazer os conceitos de *imagem-vestígio* e *imagem-sinal*, ressaltando o nome deste grupo que é “Piracaia **tem** histórias”. Este verbo *ter* no presente denota a intenção do grupo de que história não “está” lá no passado e sim vivificada no presente por meio das imagens e de suas narrativas. O lembrar-se é ter uma imagem-vestígio dos acontecimentos que permanece fixada na mente.

Segundo Paul Ricoeur, a memória e a expectativa são experiências positivas em razão da presença dessas imagens. Entre o que foi e o que ainda não o é, o que fica é a imagem que tanto traz a memória ao presente como gera a partir do presente uma expectativa. O presente é necessariamente “*trans*” (está em movimento) e o recontar retira aquele ponto final da história enquanto uma série de *acontecimentos* totalizados e fechados.

O recontar “me faz ver” – abre percepções e, portanto, cria possibilidades:

- a) O prazer do reconhecimento na autoria, lembrando que nesse grupo ela é colaborativa;
- b) As narrativas, enquanto *intrigas* geram uma inteligibilidade na apresentação de circunstâncias que, apesar de não “ver” o universal⁷, faz com que ele surja e;

⁷ “[...] Os universais que a intriga gera não são ideias platônicas. São universais parentes da sabedoria prática, portanto da ética e da política. [...]” (RICOEUR, 2010, v.1, p.74)

c) A *tradicionalidade* introduz aspecto novo que está entre a intriga e o tempo, um jogo entre inovação⁸ e sedimentação.

Este grupo possui, em sua página no Facebook, onze álbuns (álbuns como menos de 10 fotografias não foram considerados) com o total de 611 fotos, sendo os mais representativos – “Pessoas e costumes” (161 fotografias) e o “Congadas”⁹ (139 fotografias) Entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, há uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural.

Conselho Municipal de Cultura

O Conselho Municipal de Cultura de Piracaia está dividido em seguimentos, sendo cada qual composto por titular e suplente representando os seguimentos: Literatura e Comunicação; Artes visuais e Audiovisual; Música; Artes cênicas e Performáticas; Patrimônio Histórico e Cultural. Além destes representantes, conta ainda com representantes do poder executivo e do poder legislativo, sendo ao todo 18 membros.

Desde a sua formação, de acordo com a Lei nº 2.576/2010, o Conselho busca criar, primeiramente, estruturas que venham a suportar tanto as demandas atuais como as futuras. Neste sentido, inseriu o Município no SNC – Sistema Nacional de Cultura e, por conta desta inserção cada seguimento, acima relacionado, preparou um plano de metas e atividades a serem realizadas nos próximos 10 anos e instituiu junto ao Poder Público de Piracaia a Lei que cria o “Fundo Municipal de Cultura”. Em outros momentos, trabalhando junto à Divisão de Cultura e Turismo, o Conselho promove e apoia ações culturais pelo Município, destas cumpre-nos ressaltar a “Arte na Roça” a qual integra todos os seguimentos em atuações articuladas entre a cidade e o rural.

⁸ “[...] a inovação é uma conduta governada por regras: o trabalho da imaginação não surge do nada. Liga-se de uma maneira ou de outra aos paradigmas da tradição. [...]” (RICOEUR, 2010, v.1, p.121)

⁹ <https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.486930251322836&type=1>

Das reuniões às ações o Conselho de Cultura serve-nos como *práxis* para entendermos sobre as demandas, os embates e debates que perfazem as políticas públicas – discussão que trataremos adiante, como um dos elementos a promoção da *inteligência cívica*.

As dimensões, material e imaterial, da cultura propostas e usadas pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – possibilita compreender a presença da memória e de sua expressividade narrativa tanto na Cultura Material quanto Imaterial. Assim também o termo *patrimônio*, versado no Artigo 216 da Constituição Federal, definido e configurado em ampla abordagem, como:

[...] as formas de expressão; os modos de criar; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; além de conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico."¹⁰

permite-nos adentrar em dimensões vividas pelos grupos acima citados.

Recentemente Piracaia teve seu tombamento do centro histórico¹¹ pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – de acordo com o Processo nº 42270/2001.

A notícia chegou pelo Facebook. O Sr. Vandinho¹², 46 anos, leu no jornal “O Estado de S. Paulo” e *postou*. O que chamou a atenção em relação a essa promulgação não foi o erro cometido pelo CONDEPHAAT em relação aos endereços dos prédios tombados, mas a percepção, logo em seguida, pelo Sr. Tazula¹³, 82 anos. Dizia ele, que o Conselho havia tombado o que não existia. De fato, o CONDEPHAAT citou casas que existem, porém três delas estão citadas no processo com endereços errados.

Sr. Tazula se conscientizou porque se apropriou da informação que lhe chegara. Uma informação se torna conhecimento quando articulada com outras e traduzida em

¹⁰ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio-brasileiro/material-e-imaterial>
Acesso em: 22 de nov 2012.

¹¹ <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/39927610/dosp-executivo-caderno-1-25-08-2012-pg-37/pdfView>

¹² Residente à Praça da Matriz.

¹³ Idem.



ações, ou protagonismos. O protagonista provoca, “não dá de ombros” quando percebe que há algo que não se “encaixa”. Neste sentido sua presença, enquanto “*ser-no-mundo*” é cuidado/cura com o ente que lhe diz respeito. “A consciência é o apelo da cura que, a partir da estranheza do ser-no-mundo, faz apelo para a presença assumir o seu poder ser e estar em dívida mais próprio. [...]” (HEIDEGGER, 2009, p. 369) O “próprio” do Sr. Tazula, não um próprio qualquer. É um próprio legitimado que, por sua vida e por suas experiências, valida seu apelo à consciência coletiva sobre o que se “andam fazendo” com a cidade. O caso do CONDEPHAAT é apenas um exemplo sobre a maneira como o *local* responde a um contexto maior. Quando há comprometimento com seu espaço há quem “cure”, neste sentido podemos entender o que o Sr. Tazula quis dizer:

José Piracaia Acho que este tal de CONDEPHAAT, leu aquela placa da PIRACAIAR, e pensa que nós somos todos caipiras e bocós. "Vamos fazer deste jeito, pois ninguém da cidade vai notar"

1 de setembro às 20:49 · Curtir

A evocação à consciência coletiva é própria do *homem-memória*, evidentemente o Sr. Tazula é um destes. Homens que narram estão para além de sistemas, seja o educativo, jurídico, eclesiástico, etc... Talvez porque em sua fala os sistemas são representados. Geralmente eles são versados em todos os assuntos. Em cidades pequenas do interior eles costumam andar pelas praças, bares, ruas. Há alguns casos de mulheres, neste caso elas costumam estarem às janelas ou sentadas na soleira de suas casas, como é o caso da Dona Ana que vende cocada de fita. Mas agora, além dos lugares citados, eles também propagam seus apelos pelas mídias digitais – como deixou claro o Sr. Tazula numa postagem no Facebook:

“Cuidado quando pedirem para um senhor idoso esperar sentado. Porque ele pode estar sentado na frente da tela de um computador.”

Inteligência Cívica

As demandas geradas pelas tecnologias e a exigência cada vez maior de competências múltiplas geram novos desafios aos relacionamentos sociais. Por outro lado, as novas formas de ações coletivas e colaborativas requerem um potencial

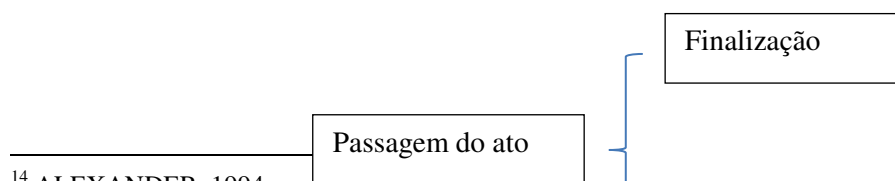
emancipatório numa *inteligência cívica*¹⁴ que não diferencia gênero, faixa etária, raça, credo, etc. As estruturas sociais são alcançadas e permeadas por engenharias, dentre elas as de softwares e de hardwares as quais somadas às demais perfazem as redes sociais¹⁵ alargando potenciais humanos, territoriais e culturais. Assim, o termo *inteligência cívica* *arranja* esquemas tendo em vista dar sentido a ações complexadas no interior da cidade.

A etnologia da palavra inteligência já traz a condição de vincular, interligar. Narrar é estabelecer conexões entre variáveis, todo/parte, hierarquias temporais, espaciais e valorativas. Há uma *pré-história* narrativa. Observamos nas narrativas dos grupos a emergência de elementos que garantem a organicidade necessária para se pensar a *inteligência cívica* e estes elementos são carregados de valores, porque os fatos narrados nascem de pontos de vista, de enquadramentos. As perspectivas podem ou não estarem embasados em documentos oficiais, mas, independente da prova está quem conta, quem narra e, este narrador é fundamentado em seus valores que transmite.

“[...] Tudo indica que estes valores axiológicos profundos representam mais que estereótipos culturais e ideologias. Os valores respectivos da vida e da morte são assumidos por todos os homens; o que é próprio a tal cultura, a tal escola de pensamento, a tal contador é aplicar esses valores-chave à figuras determinadas [...]”(RICOEUR, 2010, v. 2, p. 91)

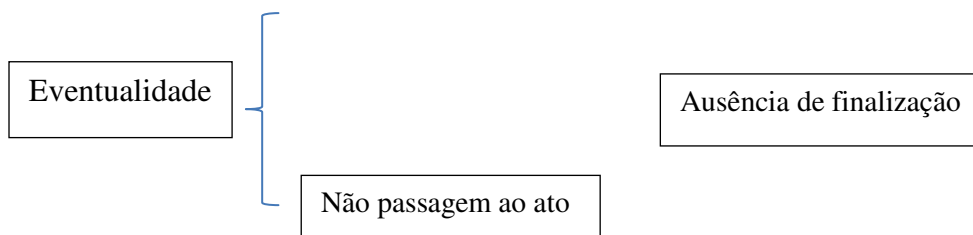
Aplicar os valores-chave é ação de quem conta e também quem faz uso deste conto, já que estamos abordando as narrativas com o intuito de verificar e promover a desenvolvimento local.

A “sequência elementar” de Claude Bremond abordada por Ricoeur aponta para os “desfechos” narrativos:



¹⁴ ALEXANDER, 1994.

¹⁵ São variadas as naturezas das redes, mas a sua essência está na conectividade. Embora a ideia não seja nova, vide a data da citação, os sistemas gatinham nesta complexidade, a medida que não se permitem dialogar. “[...] Segue-se que a ‘sociedade’ no seu conjunto, compreendendo a cidade, o campo e as instituições que regulamentam suas relações, tende a se constituir em rede de cidades, [...] ligadas por estradas, por vias fluviais e marítimas, por relações comerciais e bancárias. [...]” (LEFEBVRE, 1969, p.11)



Paul Ricoeur afirma, diante deste enunciado translativo, a transmissão circular de valores: “[...] Podemos dizer sem nenhuma hesitação que essa sintaxe topológica das transferências é verdadeiro motor da narração ‘**enquanto processo criador de valores**’.” (RICOEUR, 2010, v. 2, p. 87, grifo meu) No entanto, não são apenas os processos aí envolvidos, mas, sobretudo *quem* são os atores de tais processos.

É justamente na *ausência de finalização* da eventualidade que ancora a nossa ideia de narrativa dialógica, porque é próprio da dialogia a *não-finalizabilidade*, atuando na transversalidade para compor a inteligência cívica.

Tanto o rio, como a praça e até mesmo o porão, trazem histórias, basta que se poste uma foto para que comentários manifestem diferentes histórias, argumentos ou pontos de vista. Neste sentido, vale demonstrar que tais conhecimentos são exercidos em dois termos imbricados nestas áreas: apropriação não só da informação, mas principalmente dos meios, e a protagonismo desaguando necessariamente em desenvolvimento local devido à interatividade de seus inter-atores. Essa apropriação efetiva dos meios reconfigura a política e a economia, apesar de em um primeiro momento estar voltada as consequências imediatas e locais sendo, neste sentido, limitada. Contudo, se entendermos as tecnologias da comunicação e da informação como dispositivos, que alteram e são alterados nos processos de interações, perceberemos que as competências necessárias a toda essa protagonização nas redes e na vida real são construídas e constitutivas do próprio processo.

O registro histórico da participação de pessoas e seus relatos cotidianos têm sido considerados importantes e são utilizados em bibliotecas, como por exemplo, no

Programa BiblioRedes¹⁶ o qual faz parte das **Políticas Nacionais de Conteúdos Digitais** do Chile; outro exemplo vem com comunidades norte-americanas e a *digital storytelling*¹⁷¹⁸, na qual ao se narrar histórias tira-se o foco da tecnologia para colocá-lo nas pessoas e em seus contextos históricos e aqui no Brasil o Museu da Pessoa. Mas como indexar tais histórias estabelecendo conexões com outros portais e realidades? O estudo dos meios e processos audiovisuais sobre essa prática e a transformação desta em conhecimento requer também o olhar do cientista da informação sobre a preservação, mediação e disseminação deste conhecimento. Lembrando que a geração de conteúdo local, tendo em vista o global, auxilia na apropriação da tecnologia social e que a participação na tomada de decisões, elemento de emancipação e de protagonismo, estimula o desejo singular e modifica o que é estar presente.

O uso de dispositivos tecnológicos não representa por si só a salvação para problemas sociais, culturais ou educacionais, mas somado a outras ações permitem transparências de problemas e se insinua com possibilidades de respostas. Histórias de vidas e as memórias locais, sejam de um grupo ou de outro, intercambiam-se aos saberes globais e ao encontrar ressonâncias na literatura sobre emancipação digital se oferecem como bases objetivas sobre as quais ganham luz a reconstrução da memória amparada por meios e processos audiovisuais.

A convergência das técnicas, não é somente das técnicas, mas comporta:

[...] dimensões econômicas, sociais, jurídicas e políticas tão importantes e decisivas quanto seu comportamento tecnológico. Mesmo sendo tecnicamente possível a convergências dos sistemas de comunicação não se realizará sem vontade política e econômica, sem quadro jurídico e regulamentar apropriado e sem uma aceitação dos usuários [...] A única possibilidade de digitalizar voz, dados e imagens, não conduz necessariamente e inevitavelmente à

¹⁶ <http://www.biblioredes.cl/bibliored/>

¹⁷ Para Joe Lambert, segundo Higinio, trata-se de “[...] um importante instrumento para o registro e o compartilhamento da história e da memória, além de uma ferramenta de apreensão da realidade social capaz de ampliar possibilidades de crítica e questionamento da ordem vigente. Sob tal prisma, ela se presta a um consistente trabalho de mediação entre universidade e inovação, pela via da responsabilidade social.” (HIGINIO, 2009)

¹⁸ NUTT e SCHWARTZ chamam a atenção da *storytelling* enquanto mobilização de uma economia da informação e uma forma de inclusão social. A história oral permite a inclusão social quando permite a passagem do isolamento ao diálogo. O sujeito constrói o sentido. O narrador emerge da narrativa ao construir o sentido aberto ao passado.

convergência dos sistemas de comunicação. Esta se apresenta mais como uma construção social ligada às lógicas socioeconômicas dominantes e da ação mais ou menos eficiente de diversos grupos sociais. [...] (TREMBLAY & Lacroix apud MIÈGE, 2009, p. 37)

Importa dizer que não estamos denominando de técnica toda a complexidade vivida pelas tecnologias. A reivindicação que aqui se faz é a apropriação destas tendo vista a produção desde o *eu*, singular, e do *nós* – grupo que dialoga com outros.

Considerações finais

Temos, no surgimento de manifestações significativas da memória coletiva, o aparecimento no séc. XIX e no início do séc XX a fotografia que revoluciona a memória e ao multiplicar, democratizar e dar precisões visuais – guarda a memória do tempo, o álbum de família. Hoje este álbum está na rede e todos podem fazer seus comentários. A vida particular – própria está cada vez mais pública – imprópria.

As relações que mantemos constituem e se constituem circunscritas em espaços e tempos condições necessárias da existência. No entanto, o movimento histórico em que vivemos evidenciado pelas tecnologias da informação e da comunicação intensifica essa conectividade. “Parece” hoje, mais do que nunca, que vivemos numa grande “aldeia global”, mas “*será que este acontecimento é de fato novo?*” Quais são o alcance e as consequências das *performatividades* dos agentes desta aldeia?

O conhecimento e as práticas tecidas em redes sociais sobre temas históricos alimentam o capital social local ao colocar em cena o discurso extra-oficial ao mesmo tempo em que alimenta memórias e projeções de cidadania *singular* e coletiva tanto no contexto local como no global. Neste sentido procuramos entender o Audiovisual, não como um meio ou uma ferramenta, mas como um dispositivo tecnológico que se insere como instância dialógica entre cultura e território e dentro de uma proposta colaborativa inserimos um mapa coletivo¹⁹ para que o espaço seja socialmente produzido e possamos perceber o alcance de ações e os níveis de pertencimento.

¹⁹ <http://www.mapascoletivos.com.br/reports/view/296>

Basicamente encontramos duas dificuldades:

1. Acessibilidade digital – importante desafio ao se propor mapa digital e;
2. Falta de percepção por parte dos grupos em relação aos mapas, bem como o alcance destes em relação à produção e divulgação da memória.

A estas dificuldades propomos:

1. Realizar oficinas de memória e pertencimento a partir dos mapas físicos de Piracaia e;
2. Dentro das políticas que vêm se constituindo, construir também políticas de acessibilidade digital. Neste quesito cumpre um estreitamento de diálogos com o Poder Público

Referências

ALEXANDER, C. *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977.

_____. *Domestic architecture*, Transcrição da palestra no Doors of Perception. Amsterdam, 1994. Disponível em: <http://museum.doorsofperception.com/doors2/transcripts/alexan.html>. Acesso em: 25 de ago. 2010.

BARTHES, Roland. Introduction a l'analyse structurale des récits. In: *Communications*. 1996, v. 8, n. 8, p. 1-27. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1113# Acesso em: 27 de set. 2012

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: companhia das letras, 1994.

BRASIL. *Medida provisória n° 2.228-1, de 6 de setembro de 2001*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2228-1.htm> Acesso em: 23 de set 2010.



HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2009.

HIGINO, Anderson Fabian Ferreira et al . Mediação informacional no contexto universidade-sociedade-inovação: potencialidades, contradições e desafios. **Perspect. ciênc. inf.** Belo Horizonte, v. 14, n. spe, 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362009000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 mar. 2010.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

MIÈGE, B. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NUTT, Mike; SCHWARTZ, Gilson. The history economy: digital storytelling in economic and economic development. In: *Prato CIRN 2008 Community Informatics Conference: ICTs for Social Inclusion: What is the Reality?* Referee. Prato, 2008.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v.1.

_____. *Tempo e narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. 2.